
A função da crônica literária de jornal na formação de leitores¹

Marcell BOCCHESI²

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS

RESUMO

Propõe-se estudar o gênero crônica literária a partir de sua atuação na formação de leitores e na divulgação de autores e suas obras. O objeto de estudo é a crônica *Biblioteca do presidiário*, do jornalista caxiense Mário Gardelin, publicada na década de 1960 no extinto jornal *Caxias Magazine*, de Caxias do Sul – RS. O referencial teórico envolve, principalmente, temáticas relacionadas à crônica literária, à leitura e à formação de leitores. A metodologia utilizada possui orientação geral qualitativa. A pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2011), a análise documental (MOREIRA, 2011) e a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) são os métodos utilizados. Como principais resultados, projeta-se importância do gênero na divulgação de autor e obra e na formação de um leitor possivelmente habilitado a novas interpretações de mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura; Crônica literária; Formação de leitores; *Caxias Magazine*; Mário Gardelin.

INTRODUÇÃO: AS APROXIMAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, LEITURA E LITERATURA

O acesso, as práticas e as competências ligadas à leitura estão, de uma forma ou de outra, relacionados à evolução dos meios de comunicação. A partir destes, a ação da leitura sempre adquire outras proporções. A invenção da imprensa³ por Guttemberg é considerada um marco na história da difusão do acesso à leitura. O tempo, o espaço e os contextos culturais, políticos, sociais e tecnológicos são também importantes para se pensar determinada problemática.

Venancio (2010) afirma que "a prática da leitura é recriada em função de outros condicionamentos históricos e sociais e da reinvenção de novos suportes materiais dos textos." (VENANCIO, 2010, p. 751). Assim, é possível afirmar, também, que as práticas de leitura, sobremaneira importantes para a formação do leitor, são

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Professor de comunicação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutorando em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, e-mail mbocches@ucs.br

³ A imprensa, como é sabido, nasceu mais precisamente em 1436, na Alemanha, tendo Gutenberg como seu inventor. Conforme Brito (2007), ao criar a imprensa, Gutenberg cria também o livro – da forma com que é concebido hoje (refere-se, aqui, ao livro em folhas de papel unidas e coladas em uma lombada) – ao editar a *Bíblia*

caracterizadas pela "[...] diversidade temporal e social [e política] [...] mediada pela ação editorial". (VENANCIO, 2010, p. 750).

Ao longo da história, ações editoriais somaram-se ao livro como importantes suportes comunicacionais para leitura. Conforme Kalifa (2001 apud HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 105), "[...] desde os meados do século XIX, os suportes de leitura não pararam de aumentar e de diversificar-se, especialmente pela publicação de jornais diários, revistas e magazines".

Arnt (2001) aproxima a produção e a publicação de obras literárias e de folhetins (forma embrionária da crônica brasileira) como elementos importantes de fomento à leitura desde o século XIX.

Sobre a relação entre a crônica e o folhetim (originário da França), é importante citar que, conforme Moisés (2005),

[...] [a crônica] encontrou inúmeros imitadores, inclusive neste lado do Atlântico, surgidos após 1836 e que traduziam o termo francês por "folhetim", mas já na segunda metade da centuária o vocábulo "crônica" começou a ser largamente utilizado (também na acepção de "narrativa histórica"): vários escritores do tempo, desde Alencar até Machado de Assis, cultivaram a nova modalidade de intervenção literária. (MOISÉS, 2005, p. 102).

Ainda segundo o autor, "[...] ainda que originária da França – como de resto outras manifestações literárias ao longo do século XIX —, [...] [o gênero] assumiu entre nós caráter *sui generis*." (MOISÉS, 2005, p. 102).

Já acerca da aproximação entre o folhetim e a leitura, Arnt (2001) afirma que

a publicação de folhetins e romances reflete um momento de aspiração das massas à cultura letrada. Considerando o grave problema do analfabetismo e a crise de leitura que ainda hoje assolam o país, é interessante revisar a história da imprensa, no século XIX, que se confunde com a própria história do acesso do povo à leitura, nos países europeus e nos Estados Unidos – hoje chamados de Primeiro Mundo. As obras literárias impressas em jornais contribuíram para integrar uma grande camada da população ao círculo de leitores. (ARNT, 2001, p. 7).

Conforme Horrelou-Lafarge e Segré (2010), houve um momento em que

[...] a leitura linear de obras longas deixou de ser atraente, a leitura de livros foi substituída pela das revistas, periódicos, magazines. [...] A mudança dos suportes de leitura significa uma mudança nos modos de praticá-la, nas maneiras de apropriar-se dos conteúdos. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 99).

Lajolo e Zilberman (1998) abordam a relação entre imprensa e literatura, abordando as relações de dependência desta em relação à primeira. As autoras afirmam que

imprensa e literatura são formações discursivas diferentes, emanadas de lugares sociais igualmente distintos; mas ambas integram o mesmo sistema da escrita. Não se confundem, posto sejam intercomunicantes. E o fato de a imprensa, durante certos tempos e certos casos, financiar a literatura é, talvez, a manifestação mais visível desta intercomunicabilidade (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 87).

Ao longo da história da imprensa e da literatura, diversos são momentos de intersecção entre as áreas. A imprensa, para muitos autores, era considerada como importante fonte de renda e, até mesmo, caminho para a própria independência financeira.

CRÔNICA LITERÁRIA: LEITURA PRÓXIMO AO LEITOR

[...] parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.
Antonio Candido⁴

A crônica possui inúmeras tipologias. Há a crônica narrativa, a crônica metafísica, a crônica poema-em-prosa, a crônica-comentário e a crônica-informação, só para citar alguns exemplos. Neste trabalho, debruça-se sobre o estudo de uma das tipologias do gênero mais difundidas, a crônica literária.

Entende-se que a crônica literária deva ser considerada um importante gênero de fomento à leitura. O texto comunica a partir de uma linguagem simples, coloquial e próxima à oralidade. É considerado por Melo (2002) como o relato poético do real. Tais características não resumem o seu conceito, híbrido por natureza, mas projetam o

⁴ CANDIDO, 1992, p. 13.

entendimento do sucesso que alcançou no Brasil e no mundo, já que pode ser percebido como um gênero de leitura leve e solta, fruída e atraente.

De leitura fácil e abordando temáticas das mais variadas (qualquer assunto pode ser considerado um motivo para uma crônica), o gênero está presente, historicamente, com mais ênfase na mídia impressa (jornais e revistas).

Segundo Candido (1992), porém, a crônica não teria surgido com o jornal e, sim, somente quando "[...] este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns 150 anos mais ou menos." (CANDIDO et al., 1992, p. 14).

Martins (1984) destaca o crescimento da mídia impressa como importante instrumento de disseminação do gênero em terras brasileiras. Segundo a autora,

[...] a ascensão do jornal, no país, que se desenvolveu e posicionou-se sob o clima do Romantismo, contribuiu, sobremaneira, para as manifestações líricas dos cronistas. Foi então que, a partir desse período, a crônica passa à criação genuinamente brasileira. (MARTINS, 1984, p. 16).

Conforme já exposto, a mídia impressa deve ser percebida como importante instrumento/plataforma de acesso à leitura por parte da população, já que precisa ser entendida como uma das instâncias que produz, organiza e distribui o material de leitura. Pozenato e Giron (2004, p. 13) reforçam a importância do veículo afirmando que "os periódicos, sobretudo os jornais, tornaram-se um dos mais importantes veículos de comunicação, ampliando, aos poucos, sua circulação, agregando novos leitores e, paulatinamente, penetrando nas mais longínquas regiões".

Nesse artigo, procura-se examinar como a crônica de jornal – percebida sob o viés de manifestação jornalístico-literária – pode ter atuado na formação de leitores, no fomento à leitura e na divulgação de autor(es)/obra(s). O contexto é regional: Serra Gaúcha, meados da década de 1960.

O CORPUS DE ANÁLISE

A crônica *Biblioteca do presidiário*, do escritor caxiense Mário Gardelin, constitui o *corpus* de análise deste artigo. O texto foi publicado no jornal "Caxias Magazine"⁵ em 22 de outubro de 1960.

⁵ O jornal circulou em Caxias do Sul dentre os anos 1958 e 1970.

A data da publicação do texto se aproxima a um recorte que considera a informação de que, em meados da segunda década de 1960, a sociedade Caxias do Sul e região já exigia uma nova imprensa, mais profissional e sem vínculos fortes com partidos políticos.

As empresas jornalísticas criadas durante esse período⁶ já não apresentavam qualquer vínculo direto com partidos políticos, mas a influência religiosa se manteve em alguns órgãos de comunicação [...]. Durante o período muitas foram as tentativas visando dotar a região de uma imprensa moderna e atuante [...]. (POZENTATO; GIRON, 2004, p. 134).

A mídia impressa teve significativo papel como espaço para a publicação de crônicas na Caxias do Sul dessa época.

Além de Mário Gardelin, nomes como Mansueto Serafini Filho, Itala Nandi, Jimmy Rodrigues, Cristiano Antunes, Eloy Lacava Pereira, Gevaldino Ferreira, Décio Osmar Bombassaro, Renan Falcão Azevedo, J. Bicca Larre, dentre outros, figuravam entre os cronistas da época que obtinham espaço para publicação de seus textos em jornais como *Panorama*, *Alvorada*, *Nosso Mundo*, *Pioneiro* e *Caxias Magazine*.

Em meados de 1960, Caxias do Sul chegou a possuir cerca de 8 veículos impressos de comunicação⁷, um espaço considerado muito significativo, principalmente quando considerarmos o panorama atual.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Além da *pesquisa bibliográfica*, método muito utilizado em investigações que ganham guarida no universo da comunicação, outra modalidade metodológica utilizada neste artigo é a *pesquisa documental*.

Conforme Moreira (2011), o método compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. Ainda segundo Moreira,

⁶ As autoras se referem ao período de 1964 a 1988.

⁷ Informação obtida a partir de pesquisa para tese de doutoramento do aluno realizada a partir de consulta ao Centro de Memória da Câmara Municipal de Caxias do Sul. Endereço eletrônico: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>

[...] o recurso da análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. As fontes mais comuns são os acervos de impressos (jornais, revistas, catálogos, almanaques). (MOREIRA, 2011, p. 270).

A crônica literária publicada em um veículo impresso de Caxias do Sul em meados da década de 1960 será, portanto, o documento-chave a ser coletado para essa pesquisa.

No tratamento dos dados, técnicas do método *análise de conteúdo* são empregadas, com o objetivo de decifrar "[...] o núcleo emergente que servisse ao propósito da pesquisa". (PIMENTEL, 2001, p. 186 apud MOREIRA, 2011, p. 276). Entende-se, assim, que os procedimentos e técnicas oriundos desse método serão importantes. O método dessa pesquisa estará embasado nos preceitos de Bardin (2011).

A FORMAÇÃO DO LEITOR E A BIBLIOTECA DO PRESIDÁRIO

A crônica *Biblioteca do presidiário* é um texto que trata de uma iniciativa do *Rotary Club*⁸ de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, para a criação de uma biblioteca destinada a detentos do sistema prisional da cidade. A benemérita iniciativa social proporcionaria a eles condições para suas formações como leitores⁹, possibilitadas a partir do acesso à leitura.

As chamadas práticas de leitura, portanto, passariam a ser viabilizadas. Conforme Antônio A. G. Batista, "em se tratando da criação de situações reais de leitura, a noção pedagógica de *práticas de leitura* retoma, ainda que de forma ampliada, a de 'usos sociais da língua escrita' ou de 'usos sociais de leitura'". Entende-se que o principal objetivo almejado pelo *Rotary* era pedagógico: contribuir para o acesso à leitura dos detentos. Uma ação social para a criação de situações reais de leitura, ou seja, um claro "uso social da leitura".

Mário Gardelin (1960) enaltece a ação promovida pelo clube a partir de um texto direto, claro e leve, típicas características da crônica literária:

⁸ De atuação em todo o mundo, pode ser definido como um clube de serviços à comunidade, sem fins lucrativos.

⁹ Adota-se, aqui, tanto a perspectiva da formação do leitor da crônica literária (via mídia impressa) quanto da do leitor detento (a partir do acesso ao livro viabilizado pela iniciativa da construção da biblioteca do presidiário apreendida pela crônica publicada em jornal).

E há também, graças ao bom Deus, pessoas que se tem preocupado [...]. Trata-se de uma benemérita iniciativa do Rotary Club-Cinquentenário, que está envidando esforços para construir a Biblioteca do Presidiário. Deseja o Rotary conseguir algumas dezenas de livros, de bons livros, para passá-los ao novo presídio, afim de que os detentos, [.sic] possam entreter-se com sã literatura. A iniciativa é boa. A iniciativa é bela. É um generoso ato de solidariedade humana, que faz bem, faz um bem imenso a quem o pratica e a quem o recebe. (GARDELIN, 1960).

Nota-se, anteriormente – e já nas primeiras linhas do texto –, que o texto carrega consideráveis doses de apelo sentimental, outra característica do gênero literário, apelos que aproximam o texto a um dos tipos de crônica previstos por Beltrão (1980), a crônica literária sentimental¹⁰.

Gardelin (1960), claramente entusiasmado com determinados autores e suas obras, exalta o livro como importante instrumento de educação e de transformação social. Citando Castro Alves, o cronista afirma que o poeta brasileiro

refere-se ao livro. Exalta-o e recomenda-o [...]. Ao livro atribue a capacidade de suscitar no coração do homem sentimentos e propósitos que conduzem para a estrada do bem, da verdade e da justiça. (GARDELIN, 1960).

O texto, mais adiante, preconiza características típicas dos poetas em geral. Gardelin (1960) afirma que "muitas vezes, em três versos apenas, conseguem resumir um mundo de esperanças, de ideias e de emoções". O autor ainda atribui a Castro Alves o adjetivo de "imortal cantor dos escravos e da liberdade".

Entende-se que, não sem intenção, o autor estabelece uma relação entre o "imortal cantor dos escravos", a "liberdade" e um possível acesso à "liberdade" por parte dos detentos, que seria viabilizada a partir do contato com a leitura, já que "[...] receber um volume, que lhes conte coisas do mundo distante, é conforto, é consolo, é liberdade". (GARDELIN, 1960).

São claras, assim, as manifestações expostas ao longo do texto que traduzem a ideia de exaltação à leitura, ao autor e à obra, principalmente a partir da utilização de valoração a partir do uso de adjetivos.

Lois (2010, p. 83) afirma que "quando incentivamos a leitura através da literatura estamos decidindo por investir em arte" e, ao possibilitarmos contato de

¹⁰ A crônica sentimental seria, ainda conforme Beltrão (1980), uma reflexão à luz da sentimentalidade.

alguém com a arte literária “[...] revelamos novas formas de ler o mundo, ampliamos seu repertório [...]”. Destaca-se, assim, o papel social sobremaneira importante de acesso à arte para educar e formar um leitor mais apto à ler o mundo a sua volta.

Gardelin (1960) ainda estimula, a partir do papel típico da leitura e da literatura, a adesão à ação social:

Quem sabe, amigo leitor, se entre os detentos não haverá alguém a quem o destino marcou um encontro decisivo com um bom livro? Talvez seja o teu livro, o livro que a tua bondade doou à Biblioteca dos Detentos, o que vai provocar esta volta ao bem." (GARDELIN, 1960).

"Novas formas de ler o mundo" que proporcionariam "a volta ao bem" estariam sendo possibilitadas pelo acesso ao livro e à leitura por parte dos detentos, pessoas que, "vivendo segregadas, apartadas da sociedade, ainda assim são seres humanos, a quem uma leitura amena pode inspirar sentimentos belos e altos. [...]" (GARDELIN, 1960).

Mais adiante, e ainda tratando da importância do livro, Gardelin (1960) afirma que

[...] um livro pode mudar o mundo, como o fizeram os evangelhos ou pode mudar uma parcela da história como fizeram os Luziadas¹¹ [sic] ou dar um herói à humanidade, com o fez A Vida dos Santos, com Inácio de Loyola. (GARDELIN, 1960).

A biblioteca do presidiário, como uma conversa solta, típica da crônica, também lança mão da publicação de um trecho poema de Castro Alves intitulado *O livro e a América*, originalmente publicado no livro *Espumas Flutuantes*, ou seja, flagrante da atuação da crônica literária de jornal como divulgadora de obras literárias:

Diz Castro Alves: O livro caindo n'alma é germe que faz a palma; é chuva – que faz o mar. Pois, amigo leitor, há muitas almas, em nossa cidade, que esperam a chuva mágica, que um bom livro pode fazer. (GARDELIN, 1960).

Mais adiante, o texto deixa clara a importância da biblioteca, citando o autor e militar italiano Edmundo Amicis, além de valorizar o que considera como um

¹¹ Luís Vaz de Camões

"sugestivo pensamento sobre o livro: 'O destino de muitos homens dependeu de ter havido ou não ter havido uma biblioteca na sua casa paterna'". (GARDELIN, 1960).

O texto, de linguagem simples e sentimental, mas ao mesmo tempo direta, despretensiosa e plena de significados – características da crônica que "[...] fala de perto¹² ao nosso modo de ser mais natural [e] na sua despretensão, humaniza "(CANDIDO, 1992, p. 14) –, é finalizado com uma espécie de convocação ao leitor da crônica: "Adquire um bom livro e entrega-o para a formação da Biblioteca do Detento." (GARDELIN, 1960).

Novamente, uma carga emocional intensa é empregada ao texto, que objetiva comover o leitor em relação à causa. O apelo prossegue na parte final do texto:

Faze como o sementeiro. Enche as tuas mãos de sabedoria. [...].
Estarás dando mais do que papel, tinta e encadernação: nas páginas
do teu livro poderás estar redimindo uma alma imortal, levando-a
para a luz do bem e da felicidade. (GARDELIN, 1960).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se elucidar o importante papel exercido pela crônica literária na formação de leitores e na divulgação de autores e obras literárias. Como percebido, até mesmo trechos de obras são citados, claro incentivo à leitura e à formação do leitor que pode acabar encontrando na crônica motivos para um futuro interesse. O leitor do gênero, de linguagem leve, solta e atrativa, poderia também acabar se tornando mais consciente da importância da leitura como instrumento de educação e transformação social.

A leitura viabilizada a partir da possível criação de uma biblioteca em um presídio passaria a fundamentar novas interpretações de mundo por parte dos detentos. Formados a partir de suas leituras, novas reflexões, conceitos e posicionamentos seriam proporcionados a esse leitor, já que “a leitura envolve também a atividade do leitor que atribui sentidos ao texto a partir das relações que estabelece, segundo suas experiências.” (NOGUEIRA, 1993, p. 31).

Forma-se, assim, um novo leitor, pois pode-se afirmar que a leitura é forma de compreender o mundo, já que é entendida como "[...] um modo de relacionamento com

¹² Candido (1992) ainda reforça o papel de proximidade que se estabelece entre gênero e leitor afirmando que [...] parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.

o real, indispensável para a compreensão desse e para o estabelecimento de um modo de agir." (ZILBERMAN, 2012, p. 64).

O papel social atribuído à iniciativa da criação da biblioteca do presidiário para a formação de leitores é claro e significativo, já que, conforme Zilberman e Silva,

aqueles que formam leitores [...] desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere. (ZILBERMAN; SILVA, 2005, p. 28).

Almeja-se que tal estudo contribua à investigação da história da leitura, da literatura e da comunicação da região da Serra Gaúcha. Indica-se, também, que a produção de mídia impressa, importante ação editorial, possa ser percebida cada vez mais como importante instrumento/plataforma de acesso à leitura por parte da população caxiense, já que se trata de uma instância que produz, organiza e distribui o material de leitura.

Finalmente, acredita-se que, com o andamento deste estudo, outras importantes facetas atribuídas à crônica literária de jornal – a partir dos vieses de sua função na formação de leitores e divulgação de autor e obra, dentre outros – possam continuar sendo elucidadas.

REFERÊNCIAS

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Práticas de leitura [verbetes]**. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em:
<<http://http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/praticas-de-leitura>> Acesso em: 09/02/2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRITO, José Domingos de. Dos Mistérios da criação literária. In: _____. (Org.). *Literatura e jornalismo*. São Paulo: Novera, 2007. p. 25-27. v. 3.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____ et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

GARDELIN, Mário. Biblioteca do Presidiário. **Caxias Magazine**, Caxias do Sul, 22. out. 1960, p. 3.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

LOIS, Lena. Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. A formação de leitura no Brasil. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. **História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul**. 1984. Tese (Doutorado em Letras). PUC-RS, 1984.

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: 2011.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. Eu leio, ele lê, nós lemos: Processo de negociação na construção de leitura. In: SMOLKA, Ana Luisa; GÓES, Cecília (orgs). **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção**. 1 ed. Campinas-SP: Papirus, 1993.

POZENATO, Kenia M.; GIRON, Loraine S. **100 anos de imprensa regional**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

STUMPF, Ida. R. C.; Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: 2011.

VENANCIO, Giselle Martins. **Leitura**. Verbete. In: ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, E. T. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ed. Ática, 2005.

_____. **Leitura**: dimensões culturais e políticas de um conceito. *Nonada* Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 47-70, abri., 2012.